

O SUJEITO MULHER TRANSGÊNERO E FUGA DA MONSTRUOSIDADE: CORPO E VOZ EM VÍDEOS DO YOUTUBE

Joanne Nahla Sousa dos Santos (Labedisco/UESB)
joannenahlas@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender o posicionamento da mulher transgênero em vídeos do Youtube que produzem práticas pedagógicas para feminizar a voz, tendo como material três vídeos postados entre 2012 e 2015: "Male to Female: Voice Feminization", "Transgender Voice Lesson 1" e "First Steps in Voice Feminization || Aurora". Analisaremos as normas de existência estabelecidas quanto ao gênero, tomando as teorias foucaultianas em torno do controle social do corpo, da norma enquanto poder sobre a vida e dos modos de resistência para o sujeito. Problematizaremos como o sujeito em questão, que resiste às normas impostas por um gênero binário através de características anatômicas no seu nascimento, também se submete às normas de constituição do gênero pelo comportamento. Acreditamos que o processo de feminilização da voz busca se adequar à norma social de pertencimento para um campo dado à voz da mulher, que está associado a sua morfologia corporal da maneira como é reconhecida socialmente. O sujeito mulher transgênero, então, aceita conformar a voz ao corpo por uma possibilidade de que sua existência seja validada por quem está no poder e para não assumir o lugar monstruoso através do conflito entre voz e corpo, que a excluiria da identificação como mulher. Ela procura, assim, uma passabilidade cisgênero - não aparentar ser transgênero, sendo reconhecida como mulher desde o nascimento - para inserir-se no convívio social.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; transgênero; norma; controle; monstruosidade.

ABSTRACT: This article aims to understand the positioning assumed by transgender women on Youtube videos that produce pedagogical practices to feminize their voices, based on three videos posted between 2012 and 2015: "Male to Female: Voice Feminization", "Transgender Voice Lesson 1" and "First Steps in Voice Feminization || Aurora". We will review the rules of existence established to gender, taking Foucault's theories about the social control of the body, of the norm as power over life, and ways of resistance to the subject. We ask how the subject in question, whom resists the norms required by a binary gender through anatomical characteristics at birth, also submits to the constitution of gender norms through behavior. We believe that the voice feminization process seeks to suit the social norm of belonging to a field given to the woman's voice, which is associated with her body morphology the way it is socially recognized. The transgender woman subject then accepts to conform the voice to the body for a possibility that her existence is validated by those in power and also not to assume the monstrous position through the conflict between voice and body that would exclude the identification as a woman. Thus, she seeks a cisgender passability - to not appear to be transgender, being recognized as a birth designated woman - to enter into the social life.

KEYWORDS: gender; transgender; norm; control; monstrosity.

INTRODUÇÃO

O sujeito, uma vez que vive em sociedade, busca estar de acordo com o sistema construído através de normas de existência para a organização dessa, que são "um poder sobre a vida e das formas de governamentalidade que a ela estão ligadas." (REVEL, 2005, p. 65) As normas de posicionamento do sujeito através do gênero se estabelecem no modelo binário, homem/mulher, criando métodos de avaliação para a imposição desse gênero através de características anatômicas e biológicas que geram outras normas de conformidade com o que foi designado ao sujeito quando nasce.

Tendo como objetivo a ser alcançado a aceitação social e, principalmente, a fuga do lugar do monstruoso em que é colocado, o sujeito mulher transgênero precisa garantir em seu modo de expressar-se e posicionar-se a concordância com a figura feminina imposta pela norma vigilante aos sujeitos mulheres tanto em suas definições físicas quanto por sua postura em convívio social.

A voz, assim, tem um caráter de grande importância uma vez que é uma afirmação de gênero clara, precisa e que denuncia um sujeito que resiste à norma do determinismo biológico, fazendo com que ele seja recolocado em seu lugar de abjeção caso sua voz distinga da sua figura feminina.

O sujeito mulher transgênero e o lugar histórico da mulher

A compreensão da existência e posicionamento do sujeito mulher transgênero parte da compreensão dos modos históricos de controle do ser que dividem os indivíduos em grupos de características semelhantes que lhes são impostas como definidoras e que ou os proporcionam ter poder ou os submetem a quem o tem. Sabemos que há momentos definidores da formação desses modos de controle, mas não cabe nesse espaço apresentar esses tempos específicos, e sim utilizar deles para compreender o sujeito em questão.

Sendo assim, o primeiro método de controle parte da divisão binária de gênero. Os indivíduos são separados como homens e mulheres. Esse sistema define características que impõe como sendo naturais e biológicas para poder garantir que seu método tenha força sobre os sujeitos. É dito a eles que estes são reféns de suas características e que não podem modificá-las.

O segundo método está na hierarquização desses dois lugares, que vem após a separação, como apresenta Nalu Faria em sua análise da divisão sexual do trabalho. O sistema "considera que o trabalho dos homens vale mais do que o das mulheres" (FARIA,

2011) e, para além disso, ao utilizar-se de características fisiobiológicas que considera imutáveis, não só considera o trabalho do homem como de maior valor, mas o homem em si como sujeito superior. É uma validação do sujeito acima do que ele é capaz de produzir.

A partir dessas reflexões, compreendemos, então, que vivemos sob um sistema binário e patriarcal. Aparece então o terceiro método de controle que só é percebido por sujeitos que resistem a ele: considera-se que somos reféns de nossa biologia ao ponto em que nosso gênero é definido por nosso corpo em suas características anatômicas, hormonais e cromossômicas. O ser seria, assim, refém do físico, e esse enunciado é tomado como verdade de maneira tal que nem mesmo as pessoas que são submetidas a outros métodos de controle e estão dominadas pelo poder se sentem incomodadas por esse determinismo, sendo o desenvolvimento da polícia e da vigilância das populações instrumentos essenciais. (REVEL, 2005)

Apenas o sujeito transgênero, que não se identifica com o gênero que lhe foi imposto compulsoriamente ao nascer, é questionador dessa norma e resiste a ela ao colocar-se no polo oposto do que é obrigado a ocupar - considerando aqui apenas sujeitos transgêneros que se identificam dentro do sistema binário de gênero -, afirmando a existência da mesma. O sujeito transgênero se espelha no sujeito cisgênero, que se identifica com o gênero que lhe foi imposto compulsoriamente ao nascer, para compreender seu lugar e seu posicionamento em relação ao seu gênero, assumindo as características que a norma coloca como do gênero com o qual se identifica e rejeitando as características colocadas como do gênero que a norma lhe impõe biologicamente.

Falando especificamente do sujeito mulher transgênero, o modelo em que se espelha imposto a mulheres pela norma é de estereótipos usados pela sociedade patriarcal para submeter a mulher ao seu controle. São as condições de existência que ditam que a mulher é mais fraca, mais sensível, delicada, fisicamente possui seios e bunda avantajados e um corpo com curvas e - o aspecto analisado neste trabalho - uma voz historicamente suave, gentil e aguda.

As normas da voz feminina para o sujeito mulher transgênero

Percebemos uma diferença clara entre o que é aceito como voz feminina e voz masculina. Estes são opostos muito distanciados que a norma dita que não devem se aproximar, podendo assumir o lugar de monstro humano caso isso ocorra. Foucault coloca:

O que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma.
(FOUCAULT, 2001, p.69)

É preciso compreender que, já por resistir a norma do determinismo biológico imutável que coloca o gênero no físico ao invés da construção psicossocial, o sujeito mulher transgênero ocupa o lugar de ser abjeto. A sociedade "despreza aquela identidade social e considera justo, senão natural, a sua marginalização ou extermínio." (JESUS, 2014, p. 09) Para além de terem seus direitos sob a própria vida e o próprio corpo negados juridicamente ao necessitarem da aprovação médica e jurídica para modificarem seus corpos cirurgicamente, os sujeitos transgêneros são rejeitados, condenados e têm suas identidades negadas e desrespeitadas ao ponto de 90% de travestis e transexuais no Brasil se prostituírem, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), além de terem uma expectativa de vida de 32 anos, comparada com a expectativa de 74 anos para o resto da população brasileira, o que garante a manutenção das estruturas de poder através do lugar de abjeção.

Essa realidade gera o medo no sujeito transgênero e, especificamente, no sujeito mulher transgênero ao ponto deste sentir a necessidade de adequar-se aos padrões ditados para um perfil da mulher, o que inclui a voz. Segundo Panico (2001, p.13), "o fato de ouvirmos desencadeia automaticamente projeções, sentimentos, emoções e julgamentos. A fala que comunica envolve o outro, considera o outro". É compreender que a voz, como instrumento de comunicação, é o lugar de determinação do lugar ocupado pelo sujeito e pode gerar tanto a aceitação em um espaço social quanto a exclusão no mesmo. A visualidade do corpo demarca um primeiro lugar para o sujeito, mas a voz distinguindo do corpo o coloca no lugar de abjeção e de sujeito monstruoso.

A voz da mulher deve ser, em primeiro lugar, aguda. Depois, suave, gentil, delicada e todas as outras características ditadas como femininas. Se para a própria mulher cisgênero já não é permitido ultrapassar esses limites, por ser considerada como transgressora, assumindo-se até sua orientação sexual a partir disso e sendo colocada em um lugar de rejeição, para a mulher transgênero essa restrição é ainda maior.

Não modificar sua voz através de artifícios que lhe são conhecidos e que serão posteriormente apresentados aqui colocaria esse sujeito na posição de monstro, que intensifica a repulsa sentida pela sociedade que a cerca por sua resistência à norma ser ainda mais evidente, sendo a resistência justamente "a possibilidade de criar espaços de

lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte" (REVEL, 2005, p.74). A garantia é de que, se atingir o ápice da feminilidade ao submeter-se completamente às normas que definem a existência de um sujeito mulher em um contexto social no qual se insere, o sujeito mulher transgênero poderia atingir a aceitação. Essa garantia é certamente ilusória, uma vez que para este sujeito não há real possibilidade de sair do lugar de abjeção, mas há, no mínimo, a possibilidade da passabilidade cisgênera, quando o sujeito não é revelado pelos outros enquanto transgêneros e estes acreditam que àquele foi atribuído desde o nascimento o gênero com o qual se identifica. A passabilidade é, assim, importante para que o sujeito mulher transgênero possa sentir maior segurança em sua existência social, uma vez que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais em todo o mundo, mas o medo está sempre presente para este sujeito, e é justamente esse medo que garante que todo sujeito irá sentir a necessidade de adequar-se à norma, fortalecendo as estruturas de poder.

Compreendendo que o sujeito automaticamente possui e propaga discursos dos quais não é consciente (FOUCAULT, 2008), percebemos que o sujeito mulher transgênero que não se posiciona politicamente em sociedade não questiona o seu lugar de abjeto nem seu estado de medo e naturaliza essas estruturas como parte imutável de seu autorreconhecimento e expressão do gênero com o qual se identifica.

Funcionalidade dos vídeos no Youtube para a normatização da existência

Ocupar o lugar de abjeto resulta para o sujeito mulher transgênero uma falta de possibilidades de reconhecimento em outras mulheres transgênero por causa de sua invisibilidade social. A alternativa atual é procurar na internet informações partidas das experiências dos outros para a modificação corporal clandestina e todo o processo de autorreconhecimento.

Percebe-se que são nos últimos quatro anos que há um maior número de aparecimento de vídeos no Youtube relacionados a pessoas transgênero, começando com vídeos de exposição da evolução da transição com slides de fotos para posteriormente virem os *vlogs*, vídeos no Youtube que podem servir não só como um desabafo da vida cotidiana, mas também como informativos e educativos, formando a institucionalização da feminilização da voz.

Regularidades nos vídeos de feminilização da voz

Analisamos nesse trabalho três vídeos, apresentados na tabela:

VÍDEO	TÍTULO	ADICIONADO	DURAÇÃO	VISUALIZAÇÕES	Link
1	"Male to Female: Voice Feminization"	08/03/2013	9min55seg	224.336	https://www.youtube.com/watch?v=a02_j7PGTPI
2	"Transgender Voice Lesson 1"	17/09/2012	6min51seg	67.970	https://www.youtube.com/watch?v=0IJSO_uApts
3	"First Steps in Voice Feminization Aurora"	18/01/2015	14min24seg	20.409	https://www.youtube.com/watch?v=DIydrTPplqw

Ao assistirmos os vídeos, percebemos uma regularidade em sua estrutura que constrói um tipo de roteiro. Imageticamente, há a repetição de um mesmo plano cinematográfico que mostra apenas o busto, o pescoço, a cabeça e as mãos que se movimentam, fazendo a atenção voltar-se especialmente para o pescoço por ser a região mais indicadas pelas mãos dos sujeitos mulheres transgênero nos vídeos em questão. A regularidade dessas partes do corpo que se expõem reflete na revelação do que o sujeito está buscando controlar nele mesmo. O que importa não é julgar a adequação do restante do corpo à figura imposta pela norma como feminina, mas a conformidade da voz com a de uma mulher e o êxito atingido.

A apresentação da técnica passa primeiro por uma descrição de experiência pessoal sobre como se chegou a ela. Faz-se necessário declarar ser aquela uma relação individual com os exercícios de acordo como uma compreensão própria do que melhor funciona, independente de partir de um aprendizado com treinadores vocais profissionais

ou outros sujeitos que postam vídeos no Youtube, demonstrando uma reprodução de uma didática já pré-estabelecida.

Em seguida, chega o momento mais importante: a demonstração de uma tentativa de reprodução da antiga voz masculina e, depois, reproduz-se novamente a voz feminina atingida. É necessário ressaltar como essa demonstração justifica a compreensão do sujeito mulher transgênero de ter uma obrigatoriedade de fugir do lugar monstruoso para poder se conformar com a norma. A conformidade parte de uma militarização dos sujeitos na medida em que todos nós nos igualamos para nos perdermos em uma multidão disciplinarizada.

Quando apresenta-se o que não é permitido à voz do sujeito mulher transgênero, vemos os limites que o dominam. Além de não poder ter uma voz masculina nem falar da maneira tonicamente linear e inexpressiva que homens falam, a mulher transgênero não pode atingir também o *falseto*, pois, da mesma maneira, estará se colocando no lugar abjeto do qual pretende fugir. Está aí uma construção da normalidade que se perpetua na vida do sujeito, tornando-o vigilante dele mesmo ao não se permitir ultrapassar esses limites e manter o controle sobre si todo o tempo, talvez até mais do que o outro o vigia.

O sentido pedagógico dos vídeos se constitui ao notarmos o quanto as mãos são fundamentais para a técnica. Através delas, há a exposição material aos olhos do que acontece internamente e que não é visível. São uma reconstrução da sensação física para possibilitar não só a compreensão da técnica como também a confirmação de sua funcionalidade quando quem assiste sabe que a fez corretamente. Os sujeitos na tela se conectam aos sujeitos que estão fora dela, constituindo a institucionalização da voz.

CONCLUSÃO

A concepção da nossa sociedade vigilante faz-nos naturalizar nossa necessidade de inserção nas normas, o que, para o sujeito mulher transgênero, é muito mais significativo. Mais do que uma necessidade de conformar-se e pertencer a um lugar ou um grupo social, a mulher transgênero sente a necessidade da sobrevivência.

A possibilidade de flutuar entre os outros sujeitos sem ser notada nem causar desprezo é sedutora, mesmo que lhe possa ser uma ilusão por carregar em seu corpo características que resistem às normas a olho nu e são evidentes para os sujeitos vigilantes atentos. Ainda se reproduz concepções de masculinidade e feminilidade que se excluem e não podem coexistir, apesar de caírem por terra ao percebermos homens e mulheres cisgêneros que também não se enquadram nessas antigas normas.

O sujeito transgênero é a possibilidade de reformulação de modelos de existência que se mantêm há séculos, mas o caminho ainda é árduo e exige desses sujeitos que criem coragem para assumir o lugar que mais os assustam primeiro e só depois de um bom tempo poder atingir uma nova normalidade, constituir uma outra norma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FARIA, Nalu. A divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero. 2011. Acessado em: 14/06/2015. Disponível em: <http://www.sof.org.br/textos/11>.
- FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975). *Aula 22 de Janeiro de 1975*. Tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, p. 69-101, 2001.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfeminismo: Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
- PANICO, Adriana Campos Balieiro. Aspectos Psicológicos da Voz e seus Correlatos Acústicos. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, 2001.
- REVEL, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos : Claraluz, 2005.
- MILANEZ, Nilton. A Cuca vai pegar! Medidas do corpo no caldeirão discursivo do medo. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 33, n. 2, p. 251-258, 2011.

VIDEOGRAFIA:

- Male to Female: Voice Feminization. 2013. Último acesso em: 16/06/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a02_j7PGTPI
- Transgender Voice Lesson 1. 2012. Último acesso em: 16/06/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0IJS0_uApts
- First Steps in Voice Feminization || Aurora. 2015. Último acesso em: 16/06/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DIydrTPplqw>.